

REVISTA

Boletim:

Pineoteca de Estado - n° 28

Data:

novem. 1983

Local: S

São Paulo

Título:

Dez Anos Sem Serpa (Destaque de mês)

Autor:

Laurenço, Maria Cecília Franca

Notas:

Biografia: Gouveia, Rita

Capa ilust. água forte Ivan Serpa

RJ - Nov. 1983

Autora: Carly Moore Portella

IVAN FERREIRA SERPA

Um dos maiores artistas de sua época. Um grande orientador das artes plásticas e um humanista. Um humanista que não fazia discursos e um artista que não carregava o ranço da vaidade.

Artista simples e orientador interessado em informar, fazer o aluno questionar, pesquisar, acreditar e lutar pelo que queria fazer.

No Centro de Pesquisa de Arte, em Ipanema, éramos 25 e o trabalho, a análise crítica da produção semanal de cada um. Na aula não importava se tínhamos problemas ou não. Ele queria apenas que cada um trabalhasse muito naquilo a que se propôs. Imparcial nos julgamentos, não tinha preferências. O melhor era aquele que mais produzia, que questionava, que levava a sério sua tarefa de aprendiz da arte.

Fora do horário dos debates, lá estava o homem, o ser humano amigo, disposto a ajudar. Interessado em atender cada um nos seus problemas reais e individuais. Disponível, apesar de muito ocupado, deixava a gente falar sem a pressa dos que se julgam superiores.

Na relação com as crianças, um comportamento idêntico. Respeitando a individualidade de cada um, Ivan levava a criança de encontro a seus recursos naturais. Evitando a todo custo a intervenção dos adultos, ele ajudava a meninada a descobrir dentro de si, as forças da criação, sua riqueza temática. Através do estímulo e companherismo, ele as ajudava a crescer, a compreender o sentido das coisas, a interação com a vida.

Em sua obra, o que mais impressiona é a fibra do profissional. Sua meta maior era inovar sempre, fazer pensar. Nos trabalhos de caráter formal e informal, nos geométricos ou lineares, a gente sente que ele vai ao fundo das coisas. Depois, se situando no ponto, ele caminha com as linhas e encontra a forma. Forma que ganha encanto e magia. Mesmo nos desenhos mais figurati-

vos, como "mulher e bicho" e "fase erótica" e mais tarde, na "geomântica", Ivan chega ao mistério maior do percurso da linha, ao ponto máximo da forma, chega de novo, numa eterna mutação, ao seu ponto de origem: o Cosmos.

"Seu estilo foi antes de tudo a variação de estilos, a luta contra a academização de modos bem sucedidos de criar" Jayme Maurício

Ele tinha sempre um motivo forte para mudar. Se na "fase negra" Ivan mostra uma série de figuras trágicas do homem sofrido, assim como o grito de revolta do homem que mata sem saber porque está matando e morre sem saber para que viveu, sobre o objeto ele diz: "Dentro desses objetos procurei dar não o sentido de angústia, tristeza e opressão da nossa época, mas também dar a esperança de novos valores ainda desconhecidos das grandes massas que caminham para a luz, apesar dos opressores. Por estarmos numa época difícil, é preciso lutar com mais ânimo".

Esses objetos as Arcas Brancas, labirínticas, ilusórias, arcas da paz, são na verdade uma grande inovação escultórica. Na escultura, de um modo geral a forma avança para o espaço, apoiada numa superfície. No caso das arcas, a forma penetra, se recolhe, fica como que em repouso, num recolhimento de paz. Como diz ^{ainda} Jayme Maurício:

"Suas grandes arcas de labirintos brancos, ilusionisticamente cemiteriais".

Rio de Janeiro, Novembro de 1983.

Carli Moore Portella